

PREVISÕES AGRÍCOLAS

31 de julho 2021

Boas perspetivas para a campanha frutícola

As previsões agrícolas, em 31 de julho, apontam para um aumento da produtividade dos pomares. Nas pomóideas, destaque para os aumentos na maçã (+15%) e na pera (+40%), recuperando para níveis de produtividade acima da média dos últimos cinco anos. De referir que, atendendo às temperaturas amenas e à baixa radiação nas principais regiões produtoras, os frutos estão a apresentar um teor de açúcar inferior ao normal. Nas prunóideas prevê-se para o pêsego um aumento de 20% no rendimento unitário, face à campanha anterior. Na amêndoa, e beneficiando da entrada em plena produção dos novos pomares, a produtividade também deverá subir 20%, para mais de 0,7 toneladas por hectare, nível mais elevado das últimas duas décadas. Quanto às vinhas, estima-se uma produtividade na uva para vinho semelhante à alcançada na vindima anterior e um aumento de 5% na uva de mesa.

Nas culturas de primavera, prevê-se a manutenção da área de milho para grão, apesar do aumento do preço desta *commodity* nos mercados internacionais. A colheita do tomate para a indústria começou na última semana de julho e as primeiras indicações apontam para produtividades historicamente elevadas (acima das 98 toneladas por hectare). No arroz, continuam as dificuldades no controlo das infestantes, com impacto no rendimento unitário previsivelmente alcançado (5,4 toneladas por hectare, -4% face à média do último quinquénio). A batata de regadio deverá reduzir a produtividade em 5%, face à campanha anterior.

Quanto aos cereais de inverno, com as colheitas bastante avançadas, os cenários são de diminuição generalizada na produção, essencialmente devido aos reduzidos teores de humidade do solo na fase de enchimento do grão. Esperam-se reduções de produção de 15% no trigo duro, tritcale e aveia, de 10% no trigo mole e cevada e de 5% no centeio.

O mês de julho caracterizou-se, em termos meteorológicos, como frio¹ e seco². O valor da temperatura média do ar, 21,5°C, foi inferior à normal 1971-2000 em 0,6°C, posicionando este mês como o quinto julho mais frio desde 2000. Quanto à precipitação média, os 3,7mm registados correspondem a apenas 27% da normal (13,8mm), não tendo ocorrido precipitação na maior parte das estações meteorológicas a sul do Tejo.

¹ Classifica-se como frio um mês cujo valor de temperatura média permite posicioná-lo, por comparação com os registos desse mês no período de referência (1971-2000), entre os percentis 20 e 40.

² Classifica-se como seco um mês cujo valor de precipitação registado permite posicioná-lo, por comparação com os registos desse mês no período de referência (1971-2000), entre os percentis 20 e 40.

CLIMATOLOGIA EM JULHO 2021

Observação	Temperatura média do ar (°C)				Precipitação média (mm)			
	Média mensal	1ª década	2ª década	3ª década	Mensal acumulada	1ª década	2ª década	3ª década
A norte do Tejo								
Valor verificado	20,4	19,7	21,4	20,2	6,9	5,0	0,4	1,5
Desvio da normal	-0,6	-0,6	0,2	-1,4	-8,5	-2,6	-3,8	-2,1
A sul do Tejo								
Valor verificado	22,7	22,1	23,4	22,5	0,5	0,2	0,0	0,3
Desvio da normal	-0,1	0,4	0,2	-0,9	-4,4	-2,4	-1,2	-0,8

Fonte: Instituto Português do Mar e da Atmosfera, I.P.

Nota: foram utilizados dados de 63 estações meteorológicas a norte do Tejo e de 34 estações meteorológicas a sul do Tejo

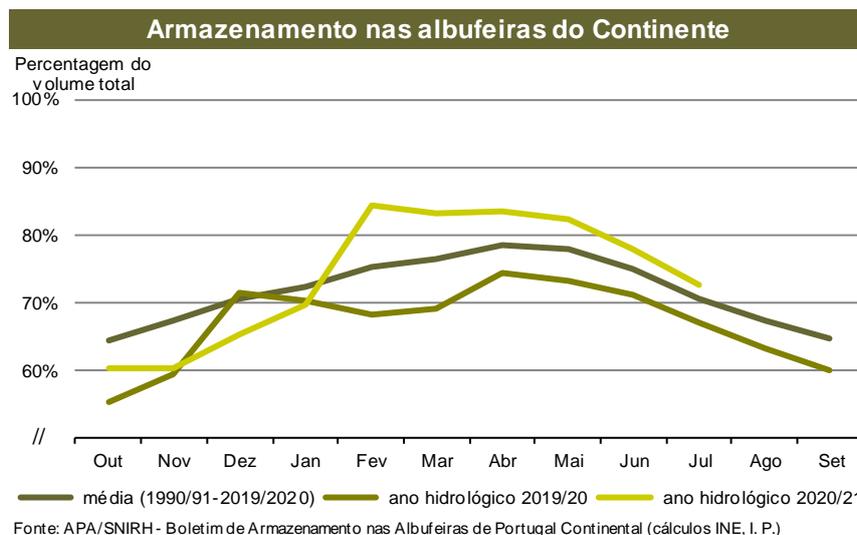
No final de julho, e de acordo com o índice meteorológico de seca PDSI³, mais de metade do território continental encontrava-se em situação de seca meteorológica, sendo que a maior parte do Baixo Alentejo e a totalidade do Algarve estavam em seca moderada ou severa (quase ¼ do território continental). O teor de água no solo, em relação à capacidade de água utilizável pelas plantas, diminuiu em todo o território face ao final de junho, destacando-se o interior Norte e Centro, a Lezíria do Tejo, o litoral Alentejano e o Algarve como as zonas com menor valor de percentagem de água no solo, com diversos locais a atingirem o ponto de emurchecimento permanente⁴.

Quanto às reservas hídricas, o volume de água armazenado nas albufeiras de Portugal continental⁵ encontrava-se nos 73% da capacidade total, valor inferior ao registado no final do mês anterior (78%) mas superior ao valor médio de 1990/91 a 2019/20 (71%) e ao valor registado em julho de 2020 (67%).

³ O índice PDSI (Palmer Drought Severity Index) baseia-se no conceito do balanço da água tendo em conta dados da quantidade de precipitação, temperatura do ar e capacidade de água disponível no solo e permite detetar a ocorrência de períodos de seca, classificando-os em termos de intensidade (fraca, moderada, severa e extrema). Informação constante em IPMA - Boletim Climatológico, julho 2021, in https://www.ipma.pt/resources/www/docs/im.publicacoes/edicoes.online/20210805/yudZqyGxYwQzGLXQcEr/cli_20210701_20210731_pcl_mm_co_pt.pdf, consultado em 10 de agosto de 2021.

⁴ Teor de humidade do solo abaixo do qual as plantas são incapazes de extrair água.

⁵ Cálculos INE a partir da informação constante do Boletim de Armazenamento nas Albufeiras de Portugal Continental - Situação das Albufeiras em julho de 2021, in <https://snirh.apambiente.pt/index.php?idMain=1&idItem=1.3>, consultado em 9 de agosto de 2021.



Nas charcas e albufeiras de pequena dimensão as disponibilidades de água estavam, regra geral, próximas dos níveis normais para a época, não se tendo registado constrangimentos anormais de disponibilidade de água para rega e/ou abeberamento dos efetivos.

Estas condições meteorológicas e hidrológicas foram favoráveis à realização dos trabalhos agrícolas e ao desenvolvimento das culturas instaladas.

Pastagens e culturas forrageiras em fim de ciclo e com boa produção

De uma forma genérica, as condições meteorológicas ocorridas ao longo da primavera (excetuando março, que foi muito seco) foram favoráveis ao desenvolvimento das pastagens e forragens, impulsionando o aumento de biomassa nestas culturas. A produção de matéria verde nas pastagens foi superior ao normal (previsivelmente 20% acima do habitual), prolongando o período de pastoreio direto até mais tarde e/ou reduzindo a quantidade dos aportes nutricionais de alimentos conservados (fenos, palhas, feno-silagens e rações) fornecidos aos efetivos em produção extensiva. Ao longo dos últimos dois meses, com a conclusão do ciclo vegetativo das pastagens de sequeiro, a disponibilidade de biomassa foi diminuindo, existindo, no entanto, a possibilidade de pastoreio dos restolhos das culturas forrageiras e das áreas de cereais de inverno entretanto colhidas que, nalgumas explorações, tem permitido satisfazer parte das necessidades alimentares dos efetivos.

Aumento do preço do milho para grão sem impacto imediato na área semeada

As sementeiras do milho para grão, em regime de regadio, terminaram durante a primeira quinzena de junho e decorreram sem incidentes. As do milho para grão em regime de sequeiro, essencialmente praticadas no litoral Norte e Centro em zonas mais frescas, concluíram-se mais cedo, por forma a aproveitar os elevados teores de humidade do solo.

Continente

Culturas	Área						Índices	
	2016	2017	2018	2019	2020	2021 f	2021 f	2021 f
	1 000 ha						(Média 2016/20 = 100)	(2020 = 100)
CEREAIS								
Milho de regadio	80	79	76	69	65	65	88	100
Milho de sequeiro	8	7	7	8	8	8	103	100

f - Valor previsto

Globalmente, e apesar da tendência altista de preços que esta *commodity* agrícola apresentou nos primeiros cinco meses de 2021⁶, as previsões apontam para a manutenção da área instalada, face à campanha anterior (73 mil hectares). De referir que, historicamente, a resposta dos produtores de milho às variações do preço desta cultura (designadamente a decisão de ajustar a área semeada) surge com um desfazamento temporal de uma campanha, o que terá contribuído para que a superfície se mantivesse inalterada. Também o aumento da área plantada de tomate para a indústria, cultura que em algumas regiões (Lezíria do Tejo) concorre com o milho na definição da ocupação cultural das parcelas num determinado ano agrícola, explicará parte desta situação.



⁶ Entre dezembro de 2020 e maio de 2021, a cotação do milho para grão subiu dos 163,6€/tonelada para os 251,8€/tonelada, o que correspondeu a um aumento de 54% (fonte: Global Economic Monitor (GEM) Commodities, US Department of Agriculture e The World Bank – f.o.b, E.U.A., portos do Golfo do México, in <https://www.indexmundi.com/commodities/?commodity=corn&months=180¤cy=eur>, consultado em 12 de agosto de 2021).

⁷ Global Economic Monitor (GEM) Commodities, US Department of Agriculture e The World Bank – f.o.b, E.U.A., portos do Golfo do México, in <https://www.indexmundi.com/commodities/?commodity=corn&months=180¤cy=eur>, consultado em 12 de agosto de 2021.

A maioria das searas encontra-se no estado de emborrachamento, com um desenvolvimento vegetativo normal. Nota para alguns problemas em searas semeadas mais cedo, que iniciaram o seu ciclo com dias frios, excesso de chuva e alguns episódios de granizo (até ao mês passado), situações que propiciaram a instalação de fungos e consequente destruição de área foliar. Registo ainda para o reporte do aumento da frequência e dimensão dos estragos nas searas provocados por javalis, espécie que aumentou consideravelmente a população, face às limitações impostas à atividade cinegética decorrentes da situação pandémica.

Produtividade do arroz nas 5,4 toneladas por hectare, inferior à média do último quinquénio

As sementeiras mais tardias de arroz realizaram-se no início de julho, tendo decorrido sem problemas. A área instalada foi 10% superior à registada na última campanha, com a retoma da exploração dos 3 mil hectares de canteiros que não tinham sido cultivados em 2020 devido às obras de requalificação no aproveitamento hidroagrícola do Vale do Sado. Após uma germinação lenta, em resultado das baixas temperaturas noturnas, as searas recuperaram o desenvolvimento vegetativo normal, apresentando povoamentos homogéneos e estando, a maioria, entre as fases encanamento e emborrachamento. A presença já habitual de milhãs (*Echinochloa spp.*), infestante de difícil controlo e concorrente com o arroz pelos nutrientes e radiação solar, assim como as temperaturas pouco elevadas são, nesta fase do ciclo, as principais preocupações dos produtores. Prevê-se um rendimento unitário de 5,4 toneladas por hectare, 4% abaixo da média do último quinquénio mas 5% acima do alcançado em 2020 (ano que, recorde-se, registou a segunda mais baixa produtividade das últimas três décadas).

Continente

Culturas	Produtividade						Índices	
	2016	2017	2018	2019	2020	2021 f	2021 f	2021 f
	kg/ha						(Média 2016/20 = 100)	(2020 = 100)
CEREAIS								
Milho de sequeiro	2 162	2 033	2 114	2 733	2 278	2 275	100	100
Arroz	5 808	6 211	5 479	5 601	5 119	5 400	96	105
CULTURAS SACHADAS								
Batata de regadio	20 900	23 273	22 110	25 360	25 543	24 200	103	95
CULTURAS INDUSTRIAIS								
Girassol	1 441	1 546	1 785	1 636	1 592	1 590	99	100
Tomate para indústria	82 059	84 420	84 783	97 625	94 233	98 500	111	105
FRUTOS								
Maçã	17 025	22 381	18 168	26 067	20 087	23 100	111	115
Pera	10 914	16 102	12 901	17 530	11 565	16 200	117	140
Pêssego	8 361	10 683	11 408	11 852	9 168	11 000	107	120
Uva de mesa	10 210	10 716	8 966	8 274	7 998	8 400	91	105
Uva para vinho (hl/ha)	33	37	33	37	36	36	103	100
Amêndoa	277	693	569	655	604	725	130	120

f - Valor previsto

Evolução heterogénea da produtividade da batata nas principais regiões produtoras

As plantações de batata de regadio prolongaram-se até maio, em virtude dos atrasos provocados pela precipitação de abril, que impossibilitou, nos terrenos com menor drenagem, a instalação da cultura em condições agronómicas aceitáveis. As emergências foram boas, com povoamentos e desenvolvimento vegetativo regular. A colheita, a decorrer nas principais regiões produtoras, veio confirmar a heterogeneidade anteriormente prevista: no Norte e Centro, o elevado número de tubérculos com calibre regular por planta permite apontar para um aumento de produtividade face à campanha anterior; já no Ribatejo e Oeste, e em particular na Península de Setúbal (onde se produz cerca de 1/5 da batata de regadio do Continente, e que já terminou a colheita), a redução irá situar-se entre os 15% e os 20%. Em termos globais, prevê-se uma produtividade de 24,2 toneladas por hectare (-5%, face a 2020).

Boas perspetivas para a campanha do tomate para a indústria, com produtividades ao nível das alcançadas em 2019

No tomate para a indústria, as plantações decorreram conforme planeadas, entre a última semana de março e a primeira semana de junho. Apesar do tempo húmido ter obrigado a uma maior frequência de tratamentos fitossanitários, face a um ano normal, a maioria das searas desenvolveu-se bem, apresenta bom aspeto sanitário e boa mostra de frutos. A colheita iniciou-se na semana 30 (26 de julho a 1 de agosto, uma semana mais tarde que na campanha anterior) e as produtividades alcançadas permitem apontar para um rendimento unitário global de 98,5 toneladas por hectare, ao nível da campanha com maior produtividade de sempre (97,6 toneladas por hectare, em 2019). De referir que as entregas têm atingido bons graus Brix⁸ e índices de cor elevados, aspetos muito valorizados pela indústria.

No girassol a produtividade deverá ser idêntica à alcançada em 2020.

Produtividade das pomóideas com aumentos generalizados

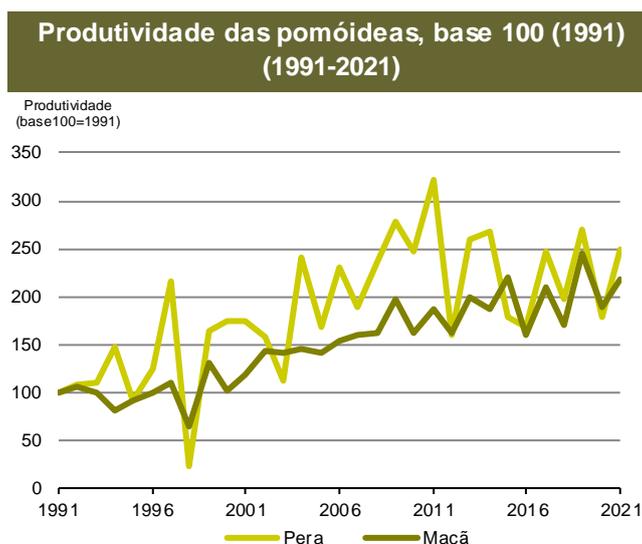
Na maçã, o ciclo vegetativo decorreu com normalidade nas principais regiões produtoras. Em Trás-os-Montes, a floração e vingamento dos frutos foi abundante, tendo havido a necessidade de, após a monda química e a normal queda fisiológica de frutos de junho, realizar em alguns pomares uma monda manual seletiva, com o objetivo de reduzir a carga e aumentar o calibre dos frutos. Nesta região, a produtividade deverá ser cerca de 25% superior à da campanha anterior. No Oeste mantém-se o adiantamento fenológico relativamente a um ano normal de cerca de cinco dias (nos grupos Fuji e Granny) e dez dias (nos grupos Gala, Golden e Reinetas), com rendimentos unitários próximos dos alcançados em 2020. Em termos globais estima-se um aumento de 15% na produtividade, que deverá ultrapassar as 23 toneladas por hectare. De referir que, atendendo às temperaturas amenas (ambas as regiões) e à baixa radiação

⁸ A escala de graus Brix (ou ° Brix) permite aferir o teor de sólidos solúveis totais de uma solução, sendo que no tomate mede, essencialmente, os açúcares presentes (frutose e glucose).

(no Oeste) que se têm verificado, os frutos estão a apresentar um grau Brix inferior ao normal, com impacto na qualidade alcançada.

Quanto à pera, mantém-se o adiantamento de seis a dez dias no desenvolvimento vegetativo da variedade Rocha, em relação ao ano passado. A colheita, com início a 5 de agosto, entrará em plena atividade a partir de 9 de agosto. Os pomares apresentam um bom estado geral e uma boa mostra de frutos, perspetivando-se uma produtividade muito superior à alcançada na campanha anterior (+40%). Tal como na maçã, e pelas mesmas razões, o grau Brix das peras é inferior ao normal, comprometendo os parâmetros organoléticos da produção.

De referir que as modernizações estruturais (sistemas de rega, maiores densidades e conduções mais eficientes) e práticas (aconselhamento técnico, adubações e tratamentos adequados e generalização da utilização de bioativadores e estimuladores da floração/vingamento dos frutos) dos pomares de pomóideas contribuíram para um aumento da produtividade média, que em três décadas mais que duplicou. No entanto, não conseguiram eliminar o fenómeno de safra/contrassafra (alternância anual de produtividades), mais evidente na pera, em parte devido à grande concentração de pomares numa única região (84% instalados no Ribatejo e Oeste).



Condições meteorológicas favoráveis contribuem para aumento do rendimento unitário no pêssigo

Em relação ao pêssigo, as condições meteorológicas foram favoráveis durante todo o período de desenvolvimento vegetativo, tendo contribuído para uma produtividade que deverá rondar as 11 toneladas por hectare, 20% acima da alcançada na campanha anterior. A colheita tem decorrido sem incidentes, com a procura a valorizar dentro das expectativas a produção para comercialização em fresco. No entanto, e tal como sucedeu na campanha anterior, a produção de pêssigo de polpa amarela e de pãvias colhida até ao final da primeira semana de julho, e que não reunia condições para ser comercializada em fresco, foi praticamente toda destruída, uma vez que a indústria só a começou a receber a partir dessa data. Com a nectarina, a situação de destruição dos frutos não aptos para comercialização em fresco mantém-se, dado que não existe procura desta variedade por parte da indústria.

Entrada em plena produção de novos pomares contribui para aumento de produtividade na amêndoa

Nas principais regiões produtoras (Trás-os-Montes e Alentejo) as amendoeiras apresentam um bom desenvolvimento vegetativo, com uma carga de frutos muito significativa nos pomares mais novos. Genericamente observa-se um adiantamento no ciclo em relação à campanha anterior, com frutos de bom calibre. A produtividade deverá aumentar 20%, para as 0,73 toneladas por hectare, valor mais elevado das últimas duas décadas e que resulta não só das boas condições ambientais da campanha, mas também da entrada em plena produção de muitos pomares recentemente instalados.

Produtividade da vinha semelhante à da campanha anterior

Nas vinhas para vinho, no final do mês a maioria das castas encontrava-se entre os estados fenológicos L - cacho fechado e M - pintor. Observa-se alguma irregularidade na maturação das uvas, que se deverá traduzir num atraso de entre uma a duas semanas no início das vindimas, face à campanha anterior (prevê-se que só se iniciem no final do mês de agosto). De uma forma geral, o desenvolvimento vegetativo das vinhas foi condicionado pela forte precipitação na primavera, que potenciou o rápido crescimento dos lançamentos, mas também originou situações de desavinho e bagoinha (principalmente no Minho), bem como o aumento da pressão das doenças criptogâmicas (míldio e oídio). Globalmente, as previsões de diminuição de produtividade nas regiões vitivinícolas do Minho, Tejo e Lisboa são compensadas pelos aumentos nas restantes, pelo que se deverá manter um rendimento unitário semelhante ao obtido na vindima anterior (36 hectolitros por hectare).

Na uva de mesa, estima-se um aumento de 5% na produtividade, para as 8,4 toneladas por hectare.

Produção dos cereais de inverno abaixo das expectativas iniciais

Nos cereais de inverno grande parte da colheita já está terminada. A acentuada redução dos teores de humidade do solo na fase de enchimento do grão não permitiu alcançar as produtividades inicialmente antecipadas, principalmente nas searas instaladas mais cedo e, em particular, no Alentejo Central e Baixo Alentejo. Assim, estimam-se reduções de 5% na produção de centeio, de 10% na de trigo mole e cevada e de 15% na de trigo duro, triticale e aveia. Globalmente a produção nesta campanha deverá ficar ligeiramente acima das 200 mil toneladas, 10% abaixo da média do último quinquénio.

De referir que, tal como sucedeu com o milho, as searas dos cereais de inverno têm vindo a ser atacadas por javalis, principalmente no interior Norte e Centro, com prejuízos assinaláveis para alguns produtores.

Continente

Culturas	Produção						Índices	
	2016	2017	2018	2019	2020	2021 f	2021 f	2021 f
	1 000 t						(Média 2016/20 = 100)	(2020 = 100)
CEREAIS								
Trigo mole	77	50	56	63	70	63	100	90
Trigo duro	13	9	11	12	10	9	82	85
Triticale	40	26	28	25	24	21	76	85
Centeio	16	14	17	16	17	16	101	95
Cevada	47	55	60	69	59	53	93	90
Aveia	66	46	56	50	47	40	79	85
CULTURAS SACHADAS								
Batata de sequeiro	29	28	22	32	31	31	107	100

f - Valor previsto

Ficha técnica de execução:

As Previsões Agrícolas reportam-se aos últimos dias do mês de julho de 2021;

A recolha da informação é assegurada regionalmente pelas Direções Regionais de Agricultura e Pescas em articulação com o INE;

As Previsões Agrícolas são também divulgadas no Boletim Mensal de Estatística e no Boletim Mensal da Agricultura e Pescas (http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes).